O Espectro de Júlia

Resíduo, sombra do que fui há vinte e um séculos, resta ainda, vizinho do nada, um fragmento vivo de mim. Parcela ínfima da mulher que fui. Espectro que se agita no tempo sem limites, sou uma minúscula parcela de vida extinta que recusa a própria morte e se agita na poeira da eternidade em vibração incessante . Sou como os vestígios de matéria viva encontrada nas recônditas partes do esqueleto de um fóssil arcaico. Algo sobreviveu à minha morte e vibra. Enquanto houver humanos a quem possa contar a minha história, permanecerei. Fui injustiçada, e minha reputação destruída. Um vosso poeta escreverá, muitos séculos depois de minha morte: “Reputação, reputação, reputação. Ó, perdi a minha reputação. Perdi a parte imortal de mim e o que resta é bestial”. O assassínio da minha reputação é o que me impede de desaparecer por completo.

Podem ouvir-me, mulheres e homens do futuro? Estão dispostos a emprestar-me um breve intervalo da vossa vida palpitante para que eu lhes narre como viveu e morreu a única filha do grande imperador? Não vos cansarei com lamúrias, sou demasiado orgulhosa para

queixumes. Quero apenas lançar luz sobre um tempo de tirania em que nenhum vínculo humano entre indivíduos escapava ao arbítrio do poder.

No mesmo dia em que nasci, meu pai decretou o seu divórcio de minha mãe, Escribónia. Esperara que eu nascesse antes de obrigá-la à separação legal, de que necessitava para poder casar-se com Lívia. A esta conhecera em estado de gravidez adiantada, casada com Tibério Claudio Nero, pai de seu primeiro filho Tibério e do que viria ainda a nascer, Druso. A paixão imediata e violenta que sentiu ao vê-la determinou a sua consequente ação: obrigar o marido a aceitar o divórcio imposto e levar a mulher consigo, com um filho já nascido e o outro no ventre.

Fui cedo retirada à guarda de minha mãe e levada à casa paterna no monte Palatino, na vizinhança do templo de Apolo que Augusto construiu para a sua própria maior glória. Como sabem, nesse templo a estátua do deus ostenta os traços fisionómicos de meu pai. Ali cresci, sob a vigilância atenta de Lívia, a quem meu pai recomendara me fosse dada uma educação equivalente à de um jovem patrício romano. E assim foi , o que prezo até hoje, apesar da dura disciplina daqueles primeiros anos. Meu tempo era rigorosamente vigiado. Estudei gramática e aritmética, li os clássicos latinos e gregos e pratiquei a

arte da retórica, além de tornar-me competente nas tradicionais atividades femininas da fiação e da tecelagem. Não entrava nas cogitações de meu pai, porém, que tais estudos, tal convivência com a cultura literária me tornassem na mulher livre que vim a ser. O que esperava ele, sabendo das minhas leituras dos novos poetas daquela época ? Além de Homero e Vergílio, educaram-me os poetas amorosos do meu tempo, Propércio, Tibulo e Catulo. Podia ler o que bem quisesse, mas as minhas amizades, essas eram estritamente vigiadas por instruções de meu pai. Tinha ele a última palavra na seleção de quem podia dar-se comigo.

Apesar disso, meu pai apreciava as minhas tiradas irónicas e chegava a rir-se das críticas que eu lhe fazia com desplante. Percebi então que meu espírito rebelde e livre de certo modo o comprazia. Chegou a dizer mais tarde o seu famoso dito espirituoso que entrou nos registros da história: “Tenho duas filhas rebeldes a governar: Roma e Júlia.”

Cresci junto aos meus dois irmãos de criação, Tibério e Druso, como já disse. Frequentava a nossa casa o sobrinho especialmente amado de meu pai, Marcelo, filho de sua irmã Otávia. Como o seu casamento com Lívia não lhe proporcionou herdeiros, dizia-se que escolhera Marcelo para sucedê-lo depois de morto.

À medida que se aproximava o tempo de minha puberdade, notava que Lívia observava atentamente o amadurecimento de meu corpo. Lutava por manter-me fora do seu escrutínio, mas sabia que em segredo ela revisava até mesmo as minhas faixas íntimas, ávida de precisar o momento em que eu entraria no rol das jovens mulheres férteis. Percebi que tal momento selaria o meu destino de peça de troca no tabuleiro do jogo do poder.

Um dia, uma das escravas que me atendia percebeu que eu menstruara pela primeira vez. Implorei que guardasse segredo, prometi-lhe vantagens e presentes se não divulgasse o ocorrido. Em vão, em breve fui chamada a uma conversa com meu pai, na presença silenciosa de Lívia.

Tinha 14 anos, minhas formas eram as de uma menina, os seios apenas começavam a formar-se. De nada valeu suplicar que me deixassem solteira. O noivo estava escolhido, seria o meu companheiro de jogos, Marcelo, meu primo-irmão, então com 16 anos.

Suspeito que foi a partir de verem-me no cortejo nupcial, meu primeiro aparecimento em público, que a plebe começou a mostrar-me simpatia. Não é para isso que serve a pompa teatral das cerimônias oficiais? Unir o povo em torno dos mitos dinásticos do Império, fazendo de uma festa que deveria ser privada um espetáculo para a multidão. Ó ingênuos adoradores de jovens princesas

casadouras!

Lá fui eu, na tradicional túnica reta de linho branco, cingida à cintura com uma faixa de lã atada com o nó de Hércules – tão difícil de desatar, denotando a força, os vínculos inquebrantáveis, a proteção e a fertilidade desejados do matrimônio. Seria do meu jovem marido o privilégio de desatá-lo na primeira noite de núpcias. Cobria-me a cabeça um véu translúcido, na cor do açafrão. Usava brincos de pérolas e, em torno ao meu pescoço, finas cadeias de ouro. Nas mãos levava miniaturas de uma roca e de um fuso, símbolos da atividade doméstica que me seria destinada.

Deixei a casa da infância, e avancei pelas ruas iluminadas pelas tochas rituais do himeneu, a ouvir os sons das flautas e dos cânticos nupciais. Crianças corriam atrás do cortejo. O povo, alinhado aos dois lados da rua para ver-me passar, atirava aos miúdos moedas e nozes. Ao chegar diante da casa do meu noivo, fui erguida pelos braços de Agripa, representante de meu pai que naquele momento se achava bem longe dali, em campanha militar na Lusitânia. O costume determinava que os pés da noiva não tocassem no limiar da casa, o que seria de mau agouro.

Logo ao entrar, cumpri as rituais oferendas de fogo e de água ao altar dos deuses familiares do noivo, e que a partir de então seriam os meus. Dali a pouco começava o

longo e suntuoso banquete, entrecortado por brindes, poemas recitados em nosso louvor, discursos dos convidados eminentes. Sentados lado a lado, Marcelo e eu cabeceávamos de sono, de tédio, de medo e de inexperiência. Bebemos o vinho dos brindes e nos embebedamos, o que anestesiou as nossas incertezas.

O que lhes direi da minha noite de núpcias? Não foi então que aprendi a amar o amor, devo-lhes dizer. Vênus não me revelou os seus segredos e muito menos os seus encantos durante aquela noite exaustiva. Éramos ignorantes e sentíamos-nos intimidados por tudo o que se esperava de nós.

Fui entregue *sine manu* pelo meu pai ao meu noivo adolescente, o que significava que meu pai mantinha sobre mim o pátrio poder, impedindo que meu marido pudesse dispor livremente do meu dote.

A partir daí, meu jovem esposo lançou-se com obstinação a desempenhar o papel que lhe fora imposto por meu pai, o de encarnar o perfeito sucessor do Príncipe. Vivia, respirava, exercitava-se, combatia, discursava com uma energia imparável. Agradou pela organização perfeita de todos os jogos públicos que lhe couberam dirigir, segundo as obrigações do calendário festivo. Tornou-se fiel instrumento e porta-voz dos ideais políticos do Império postulados por meu pai.

Cumpria junto a mim os seus deveres conjugais com o

mesmo denodo cívico, na ânsia de produzir a obrigatória descendência. Em mim, porém, os deveres conjugais cumpridos quotidianamente por meu atlético marido, ao fim de seu dia operoso, provocavam pouco mais que fastio.

Frequentava a casa de meu pai o seu íntimo amigo Mecenas, protetor dos novos poetas do meu tempo, cujos livros tão logo publicados passavam a estar ao meu alcance . Lia-os eu a todos, com deleite e perturbação. As elegias amorosas de Propércio tinham o dom de alterar-me mais do que quaisquer outros poemas. Certos versos despertavam em mim sensações vivas, que eu sonhava algum dia poder partilhar com o meu jovem parceiro:

Amo quando despida te deitas no leito de marfim
e lutas comigo, fingindo resistir.
Amo quando, em meio à luta, teu flanco escapa à túnica
e a coxa se insinua, livre, sob a luz.
.....
Mas o melhor momento é quando, exausta da batalha,
repousas vencida, rendida, em meus braços,
e um leve suor ainda brilha no teu colo.

Ou estes versos da primeira Elegia de Tibulo:

Enquanto me enlaças e a tua coxa desliza sobre a minha,

esqueço as glórias e as armas e até os deuses.

Que me importa a guerra ou o ouro do mundo,

se teu corpo treme ao meu toque, sob lençóis suaves?

Teus beijos são meu templo, tua pele o meu campo de batalha,

e tuas mãos a única cadeia que aceito com prazer.

*C*heguei a lê-los à noite em nossa cama ao meu consorte, mas ele riu-se, deu-me um beijo na testa, e adormeceu.

Ó vida, terias sido outra se as Parcas não tivessem decidido, dois anos após o nosso himeneu, cortar o fio daquela vida votada à grandeza. Uma enfermidade acabou em poucos dias com as altas destinações do meu jovencíssimo marido. A dor que sentimos, em meu pai ainda mais viva do que a minha, foi partilhada pelo povo de Roma, que tivera tempo para aprender a estimar o esforçado bravo Marcelo.

Mal passara o limite legal de dez meses em que uma viúva era impedida de casar-se de novo – para garantir que nenhum herdeiro do falecido fosse atribuído ao seguinte marido – e já meu pai começava a procurar quem substituisse Marcelo no meu leito.

Implorei, supliquei que me deixasse em estado de viuvez por mais tempo. Minhas súplicas fizeram com que durasse cerca de dois anos esse interegno de liberdade concedido por meu pai.

Ao final desse prazo, a escolha de meu pai causou-me estupefação. Se Marcelo fora meu contemporâneo, adolescente como eu, Marcos Agripa, o designado, tinha a mesma idade de meu pai. Sua origem plebéia fora esquecida graças aos seus méritos grandiosos, tanto como militar brilhante como grande construtor, predicados aliados a uma comprovada e inabalável lealdade à pessoa do Príncipe. Naquela altura Agripa estava casado com Marcela, irmã de meu falecido Marcelo, com quem tinha duas filhas pequenas. Nada disso influiu nas considerações de meu pai, ou de minha tia Octávia, mãe de Marcela, a esposa prestes a ser descartada. Agripa foi obrigado a divorciar-se para casar-se comigo, tornando-se assim o herdeiro presuntivo do Império. Marcela foi destinada a recasar-se, dessa vez com o filho de Marco António, Iulo António, a quem minha tia Otávia educara depois da morte de sua mãe e do rumoroso caso de seu pai com a rainha Cleópatra.

Foi durante a disputa pelo domínio de Roma, com a derrota dos assassinos de César na batalha de Filippi, em que meu pai lutara ao lado de Marco António, que o talento militar de Agripa se revelara determinante. Foi

então ordenada, à guisa de um gigantesco sacrifício humano aos deuses, a chacina de trezentos senadores e dois mil integrantes da ordem equestre. Parece ser assim que se constróem com solidez alicerces do poder absoluto de um príncipe.

A fortuna pessoal de Agripa fora imensamente acrescida pelo confisco das propriedades de Brutus depois da derrota de Philippi. Era ele, portanto, um partido considerável.

Mecenas, amigo, conselheiro e marido enganado por Augusto, teria dito ao meu pai: -Fizeste de Agripa alguém tão poderoso ao teu lado que agora só resta matá-lo ou casá-lo com a tua filha.

Meu pai, no início da sua escalada rumo ao poder absoluto e despótico que buscava, iniciara uma campanha de moralização dos costumes romanos. Eram sabidas as suas aventuras amorosas, iniciadas logo a seguir e mantidas ao longo do seu tão exaltado casamento com Lívia. Contava-se, por exemplo, que durante um banquete formal no triclínno de uma casa de um antigo cônsul, ele levantara-se do seu leito, tomara pelo braço a mulher do anfitrião e fechara-se com ela numa alcova próxima, para voltar mais tarde ao recinto trazendo consigo a parceira despenteada e enrubecida (*rubentibus auriculus,* escreveu alguém, “com as orelhas rubras”), que vexada retomou o seu lugar no triclínio dos anfitriões. Todos em Roma

sabiam os nomes de suas amantes, toleradas pela astuta Lívia, que representava à perfeição o papel de esposa de moralidade indubitável.

Já então eu percebera que minha vida estaria para sempre atrelada às razões políticas do Império ou, ainda pior e mais claro, que a mim estava reservada unicamente a função daquilo que no futuro distante – o vosso tempo – seria chamado de "ventre de aluguel". E que ninguém me outorgaria qualquer parcela de liberdade a não ser que eu a arrebatasse por minha própria iniciativa. Segundo a nova moralidade imposta pelas leis de meu pai, só se permitiriam os prazeres que tivessem alguma função séria, ou seja, só se passaria a fazer o amor para multiplicar o número de crianças legítimas, como dirá mais tarde um comentador gaulês do vosso tempo[1].

Ao lado de Agripa, segundo personagem do Império, vivi meus melhores anos no gozo da minha imensa popularidade em Roma. Residíamos numa mansão esplêndida do outro lado do rio, em frente às grandes obras feitas por meu marido no Campo de Marte, com belos aposentos decorados com delicadíssimas pinturas murais com motivos mitológicos, cujos vestígios adornam hoje as salas dos museus romanos. Foi aí que se firmou a minha reputação de simpatia e gentileza com os necessitados. Uma clientela numerosa acudia todas as

1 Paul Veyne, La société romaine ,1991, Éditions du Seuil

manhãs à nossa casa com as mais diversas queixas e reivindicações. Recebia-os com afabilidade, como era o meu feitio, conversava e ria com eles, encorajava-os, e os atendia na medida das minhas possibilidades – como já lhes disse, Agripa era imensamente rico.

Comecei a acompanhar Agripa nas suas missões diplomáticas às províncias do oriente, numa série de viagens para mim preciosas, apesar dos longos deslocamentos por mar e por terra, durante os quais frequentemente estava grávida. Em missões militares as mulheres não eram benvindas, pois se dizia que a sua presença diminuia o ânimo bélico. Cumprindo à risca o que de nós se esperava, ao longo de nove anos de convívio foram gerados e paridos três filhos e duas filhas. Os dois filhos varões, Gaiaus e Lucius, tão logo nascidos, foram imediatamente adotados por Augusto como seus herdeiros, e entregues à severidade pedagógica de Lívia.

Na cidade imperial, onde tudo se sabia e tudo se comentava, circulava na época um inventado diálogo entre mim e um interlocutor anónimo: - Então, Júlia, como é possível que os seus filhos todos sejam tão parecidos com Agripa, apesar dos amantes com quem você partilha o leito ? - Minha resposta : Porque só deixo subir passageiros quando o navio já está carregado...

É divertido, mas inteiramente inventado esse diálogo. Tive amantes?

Claro que sim, como era costume entre mulheres e homens da minha classe. Respeitei sempre Agripa, que me proporcionou viagens aos sítios que sempre quisera conhecer, como a Acrópole de Atenas, as mais belas ilhas gregas, ou mesmo as ruínas de Tróia, que visitei num momento em que o Escamandro furiosamente crescido quase me fez naufragar num barco mal comandado. Furioso, Agripa condenou a cidade de Ilium a uma multa de cem mil dracmas, que acabou por perdoar por influência de seu grande amigo Herodes.

Por que tinha amantes? Porque a minha sensibilidade era vulnerável aos encantos de homens mais jovens, mais fogosos, menos previsíveis. Tentei no entanto que nada dessa minha vida íntima – que acabou por ser objeto de tantas calúnias – perturbasse a paz doméstica e o ânimo do meu generoso marido.

Essa intensa época de minha vida terminou com a morte de Agripa, caído doente durante a sua última missão militar, à Ilíria, tendo tido de regressar às pressas a Roma. Ainda o levamos à nossa casa na Campânia, para que rápido se curasse, mas em vão. O filho que então esperávamos nasceu após a morte do pai, tendo recebido o nome de Postumus. A partir daí começou o tempo da minha desgraça.

No tempo das vossas Luzes, um poeta da Germânia – lugar de tribos bárbaras e aguerridas durante a minha

vida – escreverá uma justificativa da minha existência, *Julias Rechtfertigung*. Sou-lhe reconhecida. Desvenda as intrigas da minha pérfida madrasta, sedenta de poder, e de seu conluio com o filho, o não menos pérfido Tibério, com quem fui obrigada a casar-me, arquitetos da minha perdição. E mais tarde, outro poeta germano escreverá versos em minha defesa:

Chamaram-me devassa — mas quem me ensinou o pudor?
Prenderam meu coração e disseram que ele batia em desatino.
Os meus amores foram punidos, mas suas correntes eram de ouro —
Pois, para a glória de Roma, fui comprada e vendida.

Ocorreu então a inesperada e sucessiva morte de meus filhos, Gaius e Lucius, designados herdeiros do principado. Augusto esteava obrigado a buscar outro herdeiro. Lívia convenceu-o de que Tibério seria o candidato ideal. Já dera provas de seu brilho militar, era culto, bom orador. Faltava arrancá-lo dos braços de sua mulher, com quem já tinha filhos, e que era – ironias dinásticas do destino – filha de um anterior casamento de Agripa. Assim foi feito. Nunca um matrimónio contou com parceiros menos entusiásticos. Um dia, já casado comigo, Tibério encontrou na rua a sua antiga mulher. Ficou transtornado. Foram tomadas medidas para que tal não se repetisse.

Chegamos no entanto a docilmente tentar fornecer um herdeiro, um infante nascido em Áquila, e que morreu poucos dias depois de nascer. E logo em seguida veio a morrer o seu amado irmão Druso, num acidente de equitação. Numa rara prova de que era capaz de sentimentos profundos, Tibério foi até à Germania para estar ao seu lado, e após a morte acompanhou a pé a volta dos seus despojos a Roma, onde fez o elogio público do irmão, que recebeu postumamente o cognome de Germânico.

Naquilo que mais tarde reconheci como o primeiro passo do plano urdido por Lívia, no ano seguinte Tibério recusou uma missão diplomática ao Oriente e pediu a Augusto em vez disso autorização para retirar-se à ilha de Rhodes. Queria abdicar da vida pública para estudar filosofia, dizia. Viver por um tempo como cidadão privado. Meu pai relutou. Tibério encenou uma greve de fome. E Augusto cedeu. Na realidade, Tibério sentia-se ofendido pela pressão popular que resultou na promoção do jovem Gaio e ciumava os privilégios de futuro herdeiro do Império aparentemente a ele concedidos. Partiu sozinho, sem levar consigo o grupo de jovens aristocratas que costumava acompanhá-lo.

Não percebi a cilada. Aliviada da sua presença, dispus-me a continuar a viver como sempre vivera, disfrutando dos privilégios de ser a filha do Príncipe,

benquista pela plebe e cercada de admiradores. Supliquei ao meu pai que me deixasse divorciar de Tibério, visto que este abandonara Roma e as suas obrigações conjugais. Em vão.

O plano de Lívia chegou a termo. Pretextando ter sido surpreendido com a recente descoberta de meus adultérios, Augusto enviou uma carta ao Senado descrevendo os horrendos abusos da moral em que eu teria incorrido. Além dos múltiplos amantes – o nome de cinco deles era enunciado -eu era acusada de ter organizado orgias noturnas no próprio Forum, - ali mesmo de onde Augusto divulgara as suas leis contra imoralidade – e de ter praticado a prostituição e ter coroado com guirlandas a estátuas de Marsyas, símbolo da liberdade. Em consequência, fui condenada ao imediato exílio numa ilha, com proibição de uso de vinho e de “alimentos delicados”, e sem contato com qualquer representante do sexo masculino (leia-se servidores, artesãos, escravos,) a menos que fossem identificados por seus sinais corporais e aprovados previamente por Augusto. Meus amantes foram banidos de Roma, com exceção do mais odiado deles, Iulus Antonio, suspeito cabecilha de uma conspiração para tomar o poder a meu pai, e a quem foi imposto o suicídio.

A plebe romana rebelou-se, atacou e depredou os templos sagrados aquela mesma noite. A mim não foi dado mais que um dia para preparar-me, e parti embarcada em

direção da desértica e minúscula ilha de Pandataria, onde Augusto construira uma pomposa vila para seu uso pessoal. Alguns dias depois, minha mãe Semprónia foi autorizada a ir dividir comigo o duro destino. A minha liberta Phoebe, suspeita de cumplicidade , enforcou-se. Augusto ao sabê-lo comentou: Preferia ser o pai de Phoebe.

Tibério consumou então o auge da sua hipocrisia. Escreveu várias cartas ao Príncipe intercedendo por mim e pedindo clemência em meu favor. E anunciou que eu poderia manter os presentes que me oferecera durante o casamento.

Durante os próximos cinco anos, o povo romano não cessou de protestar junto ao Príncipe para pedir a minha volta. Logo após a noite fatal de 2 a.C. Quando da carta ao Senado, Augusto declarou: A adúltera voltará a Roma quando o rio se transformar em fogo. Àquela noite, a plebe atirou galhos incendiados ao Tibre.

Os únicos livros que me foram permitidos em Pandataria, a desolada ilha sem árvores do meu exílio, foram a Ilíada e a Eneida. Certamente a Odisséia foi banida por demasiado luxuriosa.

Ao fim de cinco anos Augusto cedeu às pressões e abrandou o meu castigo. Pude instalar-me, sempre com minha mãe, em Regium, cidade amena, tendo diante de mim o esplendoroso perfil das montanhas sicilianas.

Sobreveio por fim a morte do tirano. Com a morte de meu pai, Tibério foi aclamado césar. Chegava a termo o plano longamente gestado por Lívia. Visto que Augusto não me mencionara como herdeira em seu testamento, Tibério com sua notória crueldade amparada nas leis, retirou-me o *peculium*, a minha tença, como se diria mais tarde a propósito de um poeta ilustre da Lusitânia. Embora a minha sentença de exílio a Regium apenas mencionasse a proibição de não sair da cidade, residindo *uno obido*, Tibério agravou minha pena para a prisão domiciliar. Vi-me presa em casa e sem meios para sobreviver. Minhas escravas foram obrigadas a mendigar algum alimento aos pescadores.

Em pouco tempo, destruída, faminta, morri. Transformei-me nesta voz desencarnada. Sem cansar-me, pois já não tenho o corpo que tantos prazeres me deu, repetirei a minha história amarga, uma e outra vez, até o final dos tempos.